

Isso de perdas e distâncias revela o tamanho dos vazios, o fundo do fundo, a secura da sede. Sem avisos, a vida faz da tristeza uma dor bonita, uma porteira onde era para ser passagem. É sino que badala fora de hora indicando haver paz no meio do nada, dando sentido ao vazio.

De acordo com as promessas de amor, nossas declarações de amor se farão suficientes para considerar uma nova tentativa. Disfarço minhas evidentes desvantagens diante do que aprendi a temer. Insisto em te amar, evito trágicos desenganos.

Aponto, para terminar, algumas ocasiões em que me habituei fazer-me de bobo com uma consciência total da má intenção que se me apresentava com um sorriso, com um abraço, com um aperto de mãos que fundavam desencontros. Desde que incluo esse outro que se pudesse excluiria, subordino referências, omito sinceridades, retenho as claras ideias considerando aquele com quem dialogo.

Disponho de um confortável amparo, minha memória me acompanha organizando prioridades e cuidados. Enquanto o tempo me permita lembrar, farei dessa capacidade a mais importante de todas, sigo assim proprietário da minha existência, circulando entre o passado e o presente.

Meus silêncios guardam palavras renunciadas. Voltado a cuidar dos assuntos relevantes, torno as palavras discretas, último ato onde recordo o passado. Dispus cumprir com uma escuta em igual ordem, me acerquei do que me anima, reparti os afetos mais favoráveis. Evitei apagar vestígios, quero me animar, fazer da alegria algo mais do que passageira.

Não confirmadas as tragédias anunciadas, sem poder ser expressadas em palavras, certas emoções acabam sendo uma confirmação das fragilidades de uma previsão.

Confirmar o sonho nunca foi minha especialidade. Humano em minhas insuficiências, sempre me revelei incompleto diante da vida que segue e é uma vida impossível de prever, que insiste piorar nas mãos de manipuladores de poderes e de bens materiais.

Sem me negar a aparecer, em nome do bem me nego a renunciar. Apresento sempre mais uma solução enquanto sempre inventas um novo problema. É um privilégio do possuidor fazer valer a presença do bem como uma singeleza ao alcance de todos, mas também como pode impregnar e alienar.

Se eu soubesse o tempo das esperas, o valor do tempo, o volume água e de todos perecíveis, da importância de todos os bons-dias, todas as boas-noites, e no dia-a-dia as ofertas de cada um. Nessa troca lúdica eu absorveria o todo para repartir em pedaços as várias carências colecionadas e a surpresa em alguma satisfação.

Enquanto gozo a festa da tua presença noturna que meu sono vela, temo as fugas do amanhecer, quando se vai a lua e se consome a ternura.

Eu estou por aqui com sobras de afeto, disposição e interesse. Sempre empenhado até fatigar a paciência. Esta harmonia chega sem pedir licença, se instala e vai ficando até encontrar novas revelações, até tornar-se semelhante. Sair do rascunho, destacar-se, pé de página, identificada até fazer restituir um caminho.

Criaremos algo mais ou deixaremos tudo como está? Vestiremos a roupa de domingo ou a nudez que combate o tédio? Faremos as mesmas aventuras, esperando o fim do mundo no próximo prazer? Deixo-me vencer pelo cansaço de tantos prazeres repetidos, vendo no teu rosto uma graça sempre nova me enchendo de vaidades as pernas, os braços, a boca, as ideias, os pensamentos. Deixo-me enganar sem conserto para não interromper o sonho do qual me alimento.

Declaro haver perdido a força da mágica embora ainda mantenha o encanto. Ainda convenço, quase nunca desisto, me inclino a participar às vezes sem optar, quase figurante, distribuo falsas espontaneidades, incluo os metros no relógio e os ponteiros na direção do vento, fico assim sem rumo, instável. Perturbado com a velocidade do tempo, aguardo a devolução de todos os encantos, muitas carícias, todos os beijos que não recebi, o acaso favorável, o desprezado, o invisível, o essencial e o excedente. Incluo a pretensão da eternidade e a fome de amor.

O temor conseguido a base de medos e reprovações promove um silêncio que ocupa um apreço por cima de todas outras coisas.

Tomo parte da vida, torno-me responsável pelas contribuições, começo versos que nem sempre termino, traduzo parte do que sinto, distribuo. Aviso onde se encontram os rastros de minha incompletude, aviso a quem possa interessar que não faço

profecias. Sempre que posso, facilito o presente, fico como uma espécie de ilustrador que decora o dia a dia de forma a ordenar as ficções. Renuncio a ser um especialista em miragens, Escrevo.

Minha dor é viva, me acompanha aonde eu vou. As lágrimas seguem as dores, nelas me farto de mostrar as penas. Sempre me falta a mesma coisa. Já faz quase uma vida que não mostro minhas vontades. Apesar de tudo, sigo vivo, esperando um agrado amparado, com o qual viveria mais tranquilo, dormiria menos sozinho. Que mágoa é esta que me entristece?

Estou impregnado de uma curiosidade infinita que me nutre o prazer de enumerar todos os bens que estou conhecendo enquanto o amor que sinto vai assumindo outras formas.

Sigo sob pretexto acreditando na grande confusão de ideias que se tornou ter opinião. Ainda que decreto ao contrário e combata toda sugestão impensada, vejo que toda declaração fica entre o desconhecimento e a isenção nas consequências.

Hoje, como se nada houvesse se passado, instala-se em mim um sentido de haver ganho terreno perdido na véspera. Adio ao dia seguinte minha revolta, calo minha indignação, tento me refugiar, me ocultar nas mesmas palavras que me denunciam. Agrego que em mim existe um convite à cegueira, querendo persuadir-me que diante de tanto abandono de nada vale minha esperança

O ímpeto, o ardor, veementemente manifestam a grande implicação que as ações impensadas provocam na vida: enredam, importunam, antipatizam, criam uma tácita condição de complicar a vida. Habituar-me, só ao que me convém, no sentido das preservações.

A vida, com seu poder, cria uma lógica própria. Faço companhia a um deus que convive em paz antes do amanhecer e se torna um tormento ao anoitecer.

Várias foram as vezes em que fui advertido para dizer sem falar, omitindo expressões, ocultando afetos, deixando as expressões como se não fossem personificadas, esvaziadas de virtualidades. Perdi o ânimo que me fundamenta e que me permite

dizer-me a mim mesmo se sou livre ou não, não entender a diferença entre a alegria e ao desgosto, a resignação ou a indignação nossa de cada dia. Cada vez menos perto de mim, consenti a alienação, cooperei com o isolamento, isolei o afeto proposto para as causas principais usando-o na rotina que não me definia.

Fiquei com a alma tão porosa, que deixou a vida por ela passar. Fiz da procura um modo de ser, nem sempre alcançado. De agora em diante, fixo uma data para poder renovar-te um direito que te permita motivar-me ternuras, inventar músicas, sonhar e sair voando: falar sozinho por aí, inventando-te. Conto mentiras, nelas acredito, recupero teu sorrir. Nunca mais te vi.

Já não basta uma inocente desculpa para não seguir. Novo passaporte, a troca do impacto pelo nada. Escolho a rua, o passo, a comida, a marca do café, a hora do sono.

Enquanto desfaço o nó do nervo, tenso, desviado do bom caminho, inconveniente, entro em desordem, roubado na tranquilidade banhada em choro que me faz jogar fora a raiva e pedir-te para ficar.

Contigo volto a um mundo novo. É tanto o que tenho a viver contigo que me exilarei do mundo para dormirmos corpo a corpo.

Finjo nada saber, fabrico uma recusa aos amores efêmeros, sejam eles ligados a mim ou não. Tolero sua necessária permanência, parte da minha natureza, mas faço uso sensível, utilizo seus proveitos. Neles há vestígios de juventude apressada, de interpretações ingênuas, admitindo total falta de consideração com a natureza, tal o afã de domínio e posse.

Meu coração canta quando sente novos amores, se adapta a esta ordem universal que dispensa acessórios. Diriço-me às árvores, aos pássaros, dou provas da evidência que dá graças à vida, que consente todos os proveitos que o amor dá.

Evoco a excitação que me comunica esses sentimentos permanentes. Partilho a alegria de viver dando ressonância à fertilidade que me anuncia que em ti eu tenho a raiz.

Sou o vento que fecunda teu cabelo e deslumbra teu colo nu, colho teu fogo em cada aparição. Em meio as surpresas, me domina esta fértil e deslizante ternura. Confundo-

te com a poesia, nos abismos do meu coração peço-te bis, és a aurora que chega com tua nudez que carregará doravante todos os meus desejos.

Um pouco do ar que me resta ofereço em caução para o próximo suspiro, o olor que roubei da tua pele deposito na minha cama, e a loucura guardo para na madrugada salvar os nossos sonhos. Trato de guardar a esperança que apareceu contigo.

Posso mencionar todas as fragilidades. Misturadas à vida, aos sofrimentos, às alegrias, caminham na mesma direção. Quando sofro uma dor suportável, me surpreendo ao sair sem padecimentos, ressuscitando admirável superação tirada do que aprendo. Dispensando desesperos, me afasto das contradições que não sei responder. Deixo em caução todos os meus segredos, delegados ao passado, a quem fiz fiel depositário.

Do fundo da minha alma assisto um sentir que faz mais sentido sendo quieto do que dito.

Cansado desperto protegendo-me de mim mesmo. Roubo descanso do meu descanso quando percebo que muitos dos meus erros nasceram da pressa. Delas nasceu o impedimento, para quem, como eu, tenho nas atitudes insistentes, persistentes, a construção das crenças.

Que imortal esse viver que deixa marcas e me faz gritar essas canções de ninar, tristes de chorar, querendo acabar com esses espantos, esses lutos delirantes que não encontram paz. Busco amparo nesse amor que é mais que um amor, pedindo paz nestas saudades.

Ossos que já não sustentam desgastados pela vida me fazem recordar esses sonhos distantes, lembranças que são quase um desconsolo, uma resposta ao não realizado. Meu passado, esse ser escondido que vibra em mim, não me deixa perder de vista a inocente e real crença de que há sonhos que ainda me alimentam.

Usando as amenidades do esquecimento já não me alcança tanta ausência, para deixar de recordar, não crio mais memória. Farei com que se movam os corpos, balancem as cabeças, revirem os olhos, se voltem às páginas anteriores, se releiam os textos para causar riso, comparecer para servir a vida como água potável.

Quando me faltam as lembranças, olho o vazio, guardo nas rugas a marca que me resgata o conteúdo. Ao acaso, esquecido das penas e calculando quantas dores tolero, espero um pouco mais, sempre menos do que preciso, sabedor da diferença da dor e do prazer em meio a tantas urgências. Sabendo, minto que nada acontecerá, embora trema sempre com o velho medo.

Uma memória guarda a melancólica verdade, me explica em seus delírios que construí meu passado ao acaso e mastigo meu presente querendo reverter um adeus que deixou mistérios.

Dizer-me não é uma vitória sobre a tentação, dá sentido ao presente que me serve de veículo, reescreve o tempo que me encaminha para o futuro. Dizer-me não interrompe benefícios imediatos, ensina-me o ritual da espera, inclui mistério às banalidades do sim, remove a rotina.

Desviei-me daqueles rumos, descaracterizei minhas saudades. Desfiz um caminho, finjo que ele não mais existe para amenizar minha vontade de voltar, coisa impossível, já não está mais lá o que deixei. É perigosa uma ilusão sem limites, descara a minha invenção toda vez que, brincando com o tempo, viajo, desviando-me dos anos e aterrissando lá na quadra onde jogávamos futebol ou no café onde ficávamos olhando a noite chegar.

Cumpro com desembaraço a cura das feridas, acaricio as cicatrizes, remendo as poesias guardadas, só me resta fazer todo o possível para não perder o afeto, deixar de ter o amor por esse único e verdadeiro patrimônio.

Acabados meus prazeres inocentes, permaneço emocionado, respiro seu ar, ela é meu vício, seu olhar voa até meu amanhã nas suas insinuações, ela finca no meu futuro um consolo para meu arsenal de recursos.

Sem nenhuma preocupação de ocultar, exponho o abalo que fico nesse falso lugar cada vez que ela apenas me olha. Ali se desfaz todo frágil equilíbrio, fica uma alusão que me possui.

Meus cansados olhos esperam todas as noites pelos teus. Espero que eles me tirem do desabrigo, da indisposição. Definitivamente solitário sem esses olhos teus, consolo que me faz viver. Se pudesse entrar nesses olhos, descobriria os sonhos, as realidades. É provável que nesses olhos teus eu deixe alguma esperança, neles armazeno uma gentileza antes de entrar na vida como ela é.

Sujeito a ter visões, efetuo declarações de amor conversando com o vento. Cantando para o nada, tomo emprestado atributos para conceber uma passagem ao jardim por meio de um imprudente viagem. Adiro à moda que me permite falar de divindades. Como inventor de um mito poético, faço uma versão sucinta que funde a prata da lua com o frescor da água corrente. Enviarei uma voz que carregue a beleza, chore a inocência de uma criança e peça colo à solidão.

É inconfessável o que precisaria ser confessado. Por isso o enigma é indecifrável. Na ausência de oráculos inexistente o adivinho.